

No. 12000

REP. DE

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 112

Perspectiva marítima da Inglaterra

PUBLICADA PELO

C. A. 3

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—
1918



1919



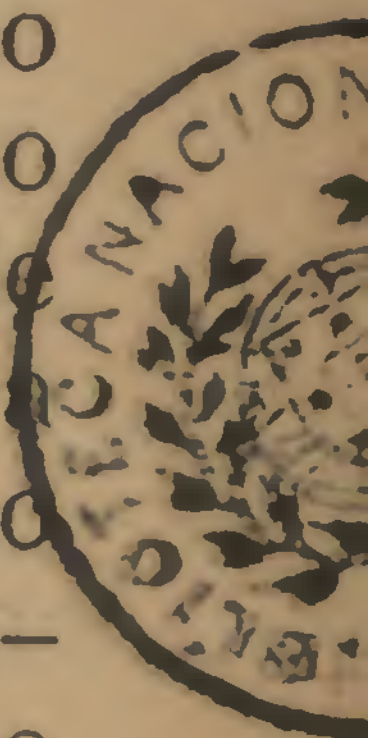
Perspectiva marítima da Inglaterra

Tem causado inquietação em Inglaterra nestes últimos mezes o facto de ter afrouxado a construção de navios mercantes que em janeiro foi só metade e em fevereiro dois terços da construção calculada. O Primeiro Lord Almirante, falando ha pouco na Camara dos Deputados, attribuiu essa falta ao tempo invernosso desses dois mezes, porém também á falta de compreensão por parte dos patrões e dos operarios da imperiosa necessidade de empregar todos os esforços nos estaleiros afim de compensar as perdas causadas pela campanha submarina, apesar do povo britânico ter tido por fim a sujeitar-se ao sistema de rações, vive ainda contudo em condições tão felizes que o Governo não logra convence-lo que a ameaça submarina permanece um perigo muito grave. Nos proprios estaleiros, onde seria para esperar que se daria o devido apreço ao valor das perdas marítimas, existe quasi no mesmo grau que nas cidades internas, a duvida a esse respeito. Se, como consequencia do chamado bloqueio submarino, tivessem sobrevindo a privação e o mau estar, a verdade não teria

tardado a impôr-se e teria bastado isso como incentivo para estimular os operarios a exercer toda a sua capacidade produtora. E' provavelmente por faltar esse incentivo que o Governo procura estabelecer outro propondo publicar a intervalos marcados um resumo das perdas ocasionadas por ataques submarinos, comparado com os progressos feitos em nova tonelagem. Poder-se-ha, portanto, chegar á conclusão em vista do anuncio de mudança de politica e atendendo á data em que foi feito, que o Almirantado britânico tem motivos fortes para pressupôr que essa comparação dará resultados animados num futuro proximo.

E' permitido, no entanto, duvidar que se traga a publico as estatisticas obtidas pelo Almirantado britânico com respeito aos resultados alcançados pelas medidas anti-submarinas suas e dos seus Aliados. Contra tal publicação apresentam dois motivos. Em primeiro logar os sucessos das marinhas aliadas nestes ultimos mezes teem-se de tal maneira salientado, parecendo prometer resultados ainda superiores nos mezes vindouros, que, a publicarem-se periodicamente os pormenores destes exitos, o efeito chegaria a ser contraproducente fortalecendo a convicção inoportuna de se ter já posto fim ao perigo e de se poder afrouxar sem medo a energia produtora. E' possivel mesmo que fosse o conhecimento dos ultimos exitos espalhado pelos estaleiros a explicação do afrouxamento de energia durante esses dois mezes, visto ser evidentemente impossivel

guardar sigilo absoluto em tais assuntos. Em segundo logar convem deixar ao inimigo que descubra as perdas que tenha sofrido — é esta uma consideração de grande importancia na época actual em que os submarinos empreendem cruzeiro de longo curso. Além disso, ha a certeza que o misterio que envolve a sorte de muitos submarinos que saíram de portos alemães e nunca mais deram noticias de si, produz um efeito psicologico de grande força nas tripulações dos outros submarinos. Segundo Sir Eric Geddes afirma vai-se experimentando de dia para dia na Alemanha maior dificuldade em tripular esses barcos, especialmente para operações no Atlantico do Norte, no Mar do Norte e no Canal da Mancha onde as probabilidades de voltarem para as suas bases são como de 1 em 4 ou mesmo de 1 em 5. Ultimamente operam nestes mares não só a armada britanica, mas tambem a americana; vem hoje anunciado que as forças aliadas em aguas europeias vão receber novo reforço juntando-se-lhe varios navios de guerra brasileiros. Desde algum tempo o numero de submarinos alemães tem-se conservado no mesmo nivel — isto é, a perda causada pelos Aliados está a par com a construção nova — emquanto que as contra-medidas dos Aliados teem tido uma expansão metodica. Pouco tardará que a ameaça submarina alemã comece a declinar. Os temerarios navios mercantes britanicos que persistem em trazer luzes de noite acelerariam a chegada desse dia se observassem as ordens especificas emitidas



pelo Almirantado britânico de «luzes apagadas» — precaução esta que teria impedido uma boa proporção dos últimos afundamentos. Está mais que provado o bom êxito do sistema de escoltas hoje em prática; um efeito notável é o de restringir a área das operações submarinas, aumentando assim o risco de ser o submarino descoberto e destruído. «Sofreado, porém ainda não subjogado», disse Sir Eric Geddes, repetindo as palavras prudentes pronunciadas em dezembro de 1917, porém suplementadas nesta ocasião pelo prenúncio feito com convicção que esse período de subjogação não está longe.

O aviso que os mares do Mediterraneo e Adriático se acham agora na zona das operações anti-submarinas britânicas dá bem a entender a medida do desenvolvimento da guerra submarina dos Aliados. Nas primeiras fases da guerra, ao Mediterraneo correspondia só 5 por cento dos afundamentos de submarinos inimigos, enquanto que ultimamente elevou-se a 30 essa percentagem. Atendendo a que o aumento de torpedeamentos naquelas águas sincronizou com a baixa de sinistros noutras localidades não menos expostas ao ataque, pode-se presumir que é só recentemente que os recursos à disposição das esquadras aliadas se têm equiparado às necessidades das águas do Mediterraneo numa escala tão eficaz como nas águas britânicas e do Atlantico. Ver-se-ha o resultado dessa ampliação nas futuras estatísticas de perdas de navios mercantes. Ficará justificada aos olhos do mundo a confiança expressa por Sir Eric Geddes,

se o numero continuar a baixar; não se poderá então fugir á conclusão que Lord Jellicoe possuia bases seguras para o seu prognostico que até agosto a ameaça submarina alemã estaria por uma vez subjugada.

